

## SEÇÃO ARTIGOS

### QUE ROSTOS TEM O ENSINO DE GEOGRAFIA?

### WHAT FACE DOES GEOGRAPHY TEACHING HAVE?

### ¿QUÉ ROSTROS TIENES LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA?

 [Victor Pereira de Sousa<sup>1</sup>](#)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, Brasil  
e-mail: victordesousa@outlook.com.br

#### Resumo

Embora as discussões acerca do ensino de Geografia no Brasil não sejam novas no Brasil, a atualidade e diversidade de seus temas e análises são facilmente reconhecidas. Contudo, é possível perceber uma abstração diante dos rostos que fazem os processos de ensino-aprendizagem em Geografia, desconsiderando o trabalho com as diferenças na produção do espaço, incluindo o espaço escolar. Assim, o presente texto tem como objetivo refletir sobre para quem ensinamos Geografia em nossas escolas. Para tanto, eu promovo um diálogo entre os estudos *queer* e a interseccionalidade a fim de questionar as possibilidades do fazer geográfico que construímos pela prática espacial de nossa existência: a corporeidade. Portanto, desde uma perspectiva *queer* interseccional e para além das questões de gênero, sexualidades e raça, é fundamental repensarmos um ensino de Geografia que nos possibilite percorrer por outros horizontes, desestabilizando barreiras e ultrapassando fronteiras.

#### Palavras-chave

Estudos *queer*; Interseccionalidade; Gênero; Sexualidades; Raça.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia (PPGGEO/UFRRJ). Especialista em Antropologia (UCAM) e em Filosofia e Direitos Humanos (UCAM). Licenciado em Geografia (UERJ), em Pedagogia (UNIRIO), e em Ciências Sociais (UNICSUL). Membro e pesquisador da COLETIVA, Grupo de Pesquisa em Geografia, Existências, Cultura e Cotidiano (PPGGEO/UFRRJ), e do BAFO!, Grupo de Pesquisa em Ética, Currículo e Diferença (PPGE/UFRJ). Membro e pesquisador do LEQUE, Laboratório de Estudos Queers em Educação (PPGE/UFRJ).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

# **Ensaio de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

## **Abstract**

Although the discussions about Geography Teaching are not new in Brazil, the relevance and diversity of its themes and analyzes are easily perceived. However, it is possible to perceive an abstraction in front of the faces that make the teaching-learning processes in Geography, disregarding the work with the differences in the production of space, including the school space. Thus, the present paper aims to reflect to whom we teach Geography in our schools. To this end, I promote a dialogue between queer studies and intersectionality in order to question the possibilities of the geographical doing that we build through the spatial practice of our existence: corporeity. Therefore, from an intersectional queer perspective and beyond the issues of gender, sexualities and race, it is essential to rethink the Geography Teaching that allows us to travel through other horizons, destabilizing barriers and crossing borders.

## **Keywords**

Queer Studies; Intersectionality; Gender; Sexualities; Race

## **Resumen**

Las discusiones sobre la enseñanza de la Geografía en Brasil no son nuevas y aún repercuten en muchas orientaciones de análisis sobre el tema. Sin embargo, es posible percibir que hay una abstracción frente a los rostros que construyen los procesos de enseñanza-aprendizaje en Geografía, desconsiderando el trabajo con las diferencias en la producción del espacio, incluido el espacio escolar. Así, el presente trabajo pretende reflexionar para quiénes enseñamos Geografía en escuelas brasileñas, utilizando, para ello, diálogos entre los estudios *queer* y la interseccionalidad para tensionar posibilidades de diálogo con el hacer geográfico que construimos a través de la práctica espacial de nuestra existencia: la corporeidad. Por ello, además de las cuestiones de género, sexualidades y raza, es fundamental repensar, desde una perspectiva *queer* interseccional, una enseñanza de la Geografía que nos permita transitar por otros horizontes más allá de los que ya hemos construido hasta ahora, desestabilizando barreras y cruzando fronteras.

## **Palabras-clave**

Estudios *queer*; Interseccionalidad; Género; Sexualidades; Raza.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## Introdução

*Gritemos, pois, na defesa de um projeto de educação e ensino de geografia que tenha nas vozes e ações dos diferentes sujeitos sua razão de ser!*

(GIROTTO, 2017, p. 439).

As inquietações acerca do ensino de Geografia no Brasil são muitas e, há muito tempo, têm sido assunto de pautas em discussões sobre esse tema e, também, em torno de outros conceitos que não são sinônimos, mas se complementam, como Geografia Escolar e Educação Geográfica. Portanto, não é contemporânea a problematização do ensino de Geografia, visto por diferentes horizontes de estudos, pesquisas e práticas didático-pedagógicas. Mas, essas problemáticas têm se preocupado com uma Geografia ensinada para quem? Muito se produz sobre a relação do ensino da ciência geográfica diante dos anseios discentes, da formação cidadã, da formação docente inicial e continuada, dos currículos e políticas educacionais. Contudo, é possível encontrarmos uma abstração em muitas dessas discussões que não elencam quem são essas pessoas. De que população brasileira estamos falando?

O geógrafo Ruy Moreira demonstrou essa preocupação ao propor um discurso do avesso da Geografia que se ensina em nosso país ao questionar: “Tem cara de que/quem o Brasil?” (MOREIRA, 2014, p. 131). E não para por aí, pois, “É de se indagar, assim, que Brasil a Geografia do Brasil que se ensina faz então desfilar. Qual é o Brasil do professor?” (MOREIRA, 2014, p. 131). E a problematização diante de sua percepção elucidada que:

Duas linhas de respostas se desdobram de imediato frente a essas perguntas. Uma que apresenta o Brasil como um todo formado de reunião de partes tão diferenciadas umas das outras que esse todo acaba por não ter uma face propriamente de sociedade brasileira. Outra que oculta por trás de expressões adjetivas como país tropical, país-continente, país-potência, país do futuro, país em desenvolvimento, país emergente uma leitura que se passa de uma concepção de país, não de sociedade com sujeitos de carne e osso propriamente. Discursos de um país sem rosto que o personalize. São discursos de politização pela despolitização do sujeito [...]. (MOREIRA, 2014, p. 131).

Há de se concordar que muito se fala sobre sujeito nas concepções em torno de um ensino de Geografia emancipatório, autônomo e democrático, que seja capaz de contribuir para

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

uma formação cidadã amplamente construída por uma leitura crítica-reflexiva de mundo, mas que, em muito, esconde discursos que sejam capazes de personalizar quem são essas pessoas desse Brasil tão desigual, que politize esses sujeitos por meio do ensino de uma ciência geográfica que vá ao encontro das diferentes existências que se constituem e são constituídas em nosso tecido social.

Assim, instigado pela provocação de Ruy Moreira (2014), o presente texto tem como objetivo refletir sobre os rostos para quem ensinamos Geografia no Brasil. Para tanto, o trabalho com os possíveis diálogos entre os estudos *queer*, a interseccionalidade e o ensino de Geografia são fundamentais para a problemática levantada nesse estudo, pois a construção teórico-metodológica ultrapassa as fronteiras científicas da Geografia e se encontra no desafio dialógico do conflito e da ressignificação.

Certamente, Ruy Moreira (2014) em seu livro não adentra os campos de gênero, sexualidades e raça, mas abre caminhos para diálogos entre os estudos *queer* e a interseccionalidade ao endereçarmos nossas indagações por meio de um ensino de Geografia crítico nesses campos de análise.

Cabe ressaltar que ensino de geografia na perspectiva crítica, pressupõe a compreensão da escola como um espaço que promove a construção de um conhecimento que tenha sentido na vida do educando, que por sua vez, passa a apreender a geografia como uma disciplina que possibilita desvelar a realidade, por meio da compreensão das relações contraditórias que se desenvolvem no contexto social (SILVA; ROCHA, 2020, p. 66).

Portanto, faz-se necessária a compreensão de que nossos corpos discentes e docentes carregam consigo implicações de gênero, sexualidades, raça e classe. E é, fundamental, então, o embasamento dos estudos *queer* e da interseccionalidade para que as abstrações sejam personalizadas politicamente em rostos que são verdadeiramente as diferentes faces do nosso Brasil. Cabe ressaltar que não é o objetivo desse estudo buscar reduzir as pessoas a seus gêneros, sexualidades e raças, mas sim, tangenciar outras perspectivas para o ensino de Geografia que considere esses elementos como fatores da existência humana que são imprescindíveis na produção do espaço, inclusive o espaço escolar.

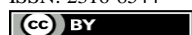
Logo, não há nenhuma pretensão nas linhas desse texto em responder a pergunta trazida em seu título, pois, o que realmente interessa é a percepção da potencialidade do trabalho com

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaios de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

a diferença no ensino de Geografia, compreendendo que esses rostos são muitos e que não há nenhuma intenção de reduzi-los a nenhum tipo de classificação.

Ainda, é fundamental esclarecer que esse estudo também não versa sobre a possibilidade de se trabalhar com possíveis conteúdos de gênero, sexualidades e raça no ensino de Geografia. Isso porque, parte-se da compreensão de que essas são problemáticas que já estão inseridas nos conteúdos trabalhados em Geografia na sala de aula da Educação Básica, como nas relações do campo, na cidade e no urbano, no mundo do trabalho, na globalização, dentre tantos outros. A viabilidade do trabalho está, justamente, em se pensar o ensino de Geografia pelo fazer geográfico (SILVA, 2014), considerando que ele é primeiramente construído nos processos de ensino-aprendizagem que se constituem entre docentes e discentes.

Desse modo, não se trata de pensar em um ensino de Geografia para se ensinar sobre gênero, sexualidades ou raça. Não se trata de um ensino de Geografia que abram “novas” portas ou janelas, mas que as derrubem. Quando Ariovaldo Umbelino de Oliveira (2008) chamou atenção “para onde vai o ensino de Geografia?”, podemos hoje pensar em: o que podemos com o ensino de Geografia? Reafirmando que tanto o barulho quanto o silêncio dizem muito sobre o que podemos.

### **Ensinar e aprender, refletir e dialogar: uma Geografia outra**

Vivemos em um país fraturado exponencialmente, em suas diferentes escalas, que traz consigo marcas da violência contra pessoas que não se enquadram em um padrão ocidental que valoriza primordialmente o homem branco cristão e cis-heterossexual, dessa forma, tudo junto.

Assim, é fundamental destacar que a primeira característica marcante de nossa formação socioespacial, sob a lógica capitalista, é a violência, constituída, também, pela reprodução de genocídios. Fundado, primeiramente, no genocídio indígena, ocultado, muitas vezes, pelo discurso do “bom selvagem” e da “missão civilizatória” dos portugueses-bandeirantes, foi seguido por contínuos genocídios (das populações de origem africana, das mulheres, dos grupos LGBTQ). São genocídios porque afetam grupos sociais específicos, não se distribuindo de forma igual entre todos os sujeitos que habitam o território brasileiro. Não se trata, no entanto, de processo que se encerra no passado. Sua reprodução se mantém, cotidiana, em diferentes territórios do país (GIOTTO; GIORDANI, 2019, p. 117).

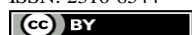
E essa dimensão é fundamental para compreendermos que o ensino de Geografia não pode estar ileso à essas problemáticas, pois, seja enquanto docentes ou enquanto discentes,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

estamos atravessados diariamente por essas questões e, como nos esclarece Alex Ratts (2016, p. 117), “Apesar de parecerem temas novos, as questões étnico-raciais e de gênero, relativas a ‘negros’, ‘indígenas’ e ‘mulheres’, são mencionadas em textos identificados como pertencentes à vertente crítica da geografia escolar dos anos 1980”. Mas onde tais questões se inserem no ensino de Geografia? A afirmação trazida por Alex Ratts (2016) corrobora com a ideia de que:

Defender a geografia como disciplina na escola pressupõe compreender os seus sentidos no processo de humanização, que é sempre, em nossa perspectiva, um processo de retomada da humanidade que nos é retirada, a todo momento, em uma sociedade marcada pela espoliação, precarização e genocídio (GIROTTI; GIORDANI, 2019, p. 128).

Portanto, compreender a Geografia no campo das humanidades requer a compreensão de que essa ciência enquanto disciplina escolar precisa romper com as barreiras do tradicionalismo academicista e dos conservadorismos, possibilitando outros meios de ensinar e de aprender através de reflexões e diálogos que permitam que esse horizonte não seja reduzido aos muros escolares. É preciso ir além. É preciso reescrever histórias, derrubar muros, recriar e ressignificar o que a dialogicidade do próprio ato de existir enquanto ser humano constituído também por cultura e construtor social é capaz de nos proporcionar.

É, então, considerar a importância do fazer geográfico enquanto fator de existência humana. Como nos afirma Catia Antonia da Silva (2014), o fazer geográfico se dá quando ensinamos, quando pesquisamos, quando assumimos nossa existência geograficamente na produção do espaço. Além disso, a Geografia como “ciência do mundo da vida” (SILVA, 2014, p. 20) faz sentido quando damos sentido a ela. E, como afirma a autora, “O que dá sentido na ciência é a construção de sentidos, do sentido de fazer Geografia, fazemos quando ensinamos, fazemos quando pesquisamos, fazemos quando aprendemos com o outro. Fazemos Geografia quando estamos desencantados com o mundo” (SILVA, 2014, p. 31). Dessa forma, a Geografia se constrói não só enquanto campo científico, mas também no fazer de nossas vivências cotidianas, movimentadas pelo trabalho com a diferença que nos constitui enquanto seres humanos e que por nós também é constituída.

Como ato de criação, o ensinar-aprender geografia pressupõe a mediação da palavra, nunca tomada como grafia vazia, desconectada do universo sensível dos sujeitos. A palavra é sempre social, histórica e espacialmente referenciada; expressa localizações

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

# *Ensaio de Geografia*

Essays of Geography | POSGEO-UFF

e contextos, formas de ser e estar no mundo, trajetórias e geografias. Pela palavra, as representações e experiências dos estudantes se revelam e é possível construir mediações para o aprender que se constitui ato de pensamento (GIROTO; GIORDANI, 2019, p. 122).

Notoriamente, não se está falando de ensinar nas escolas uma Geografia que não seja embasada pela ciência, mas sim, que o ato de criação do fazer geográfico está também em nossos cotidianos e que se constrói pelas nossas existências, e que é fundamental que ao se construírem processos de ensino-aprendizagem em Geografia isso seja levado em consideração.

É importante ressaltar, ainda, que quando estamos falando de ensino de Geografia, aqui, seguimos pela perspectiva de que ensinar e aprender são vias de mão dupla que percorrem tanto quem é docente quanto quem é discente, pois a ideia de docência enquanto transmissão de conhecimento não cabe nas linhas desse texto, apesar de a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda defenderem em suas propostas um ensino pautado em uma suposta transmissão tecnicista de conteúdos estruturados em habilidades e competências (GIROTTO, 2017).

Consideraremos, em contrapartida, que estar na posição de docente é um contínuo ato de ensinar e de aprender conjuntamente, assim como, estar como discente também permeia o ensinar e o aprender. Por isso, prezamos pela mediação, pela humanização, pelo diálogo, como nos ensinou Paulo Freire (1967; 1968; 1992; 1996). Enfatizamos as palavras de Ana Giordani (2019, p. 5), ao elucidar que:

Quando falamos em docência, estamos nos referindo a uma atividade profissional e social que é atravessada por diversos vetores, como a formação acadêmica, as políticas sobre o trabalho, as políticas de educação, as expectativas sociais, as demandas das comunidades escolares e as trajetórias pessoais e profissionais dos próprios docentes. Trata-se de uma profissão de extrema complexidade, com um papel social (ou papéis sociais) de reconhecida relevância, mesmo que passemos, hoje, por um momento de latentes tentativas de desvalorização. Aliás, contraditoriamente, podemos entender que as pressões atuais sobre a profissão derivam do reconhecimento do valor social e estratégico do magistério. Por estarem “na ponta” das políticas, no lugar sensível da materialização das intenções dos projetos dominantes, são as professoras e os professores que carregam, no cotidiano, o possível da política e a potência do conflito.

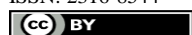
Pois, muitas vezes, esquecemos também que quem exerce à docência tem um rosto, constrói sua existência no espaço e produz a diferença em sociedade. O ensino de Geografia pensado somente para o corpo discente acaba por invisibilizar à docência como parte do ato de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## **Ensaio de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

criação do fazer geográfico em sala de aula, além de instrumentalizar o ensino para que as crianças e adolescentes aprendam aquilo que lhes é transmitido tecnicamente.

Portanto, o ensinar e o aprender Geografia ultrapassa posições docentes e discentes, mas também as une, entendendo os seres humanos enquanto processo contínuo de produção de existência, de construção de saberes e concepções que nos permitem a *trans-forma-ção* de seres biológicos em seres culturais, enquanto agentes endógenos nas e das relações sociais. Para tanto, é fundamental o reconhecimento de nossas diferenças, de nossas existências e da complexidade que elas têm ao fazerem parte da produção do espaço. Sendo, portanto, elementos fundamentais para serem considerados ao se ensinar e aprender Geografia.

### **Estudos *queer*, interseccionalidade e ensino de Geografia: diálogos possíveis**

Os estudos *queer* nos possibilitam a compreensão de outras formas de ser, estar e existir que não se enquadram em padrões reducionistas que dicotomizam seres humanos e fragmentam nosso tecido social. É um exercício contínuo de insurgência de quem, como aponta Megg Rayara de Oliveira (2020), não está nem ao centro e nem à margem. É como um balé que não tem coreografia, mas que se dança. É como nadar em águas desconhecidas de um oceano que se sabe o nome. É e não é, e não precisa haver especulações na contramão do próprio existir, do próprio viver. Portanto, trata-se de um “[...] corpo compreendido como um campo de batalha [...]” (LEOPOLDO, 2020, p. 24). Sendo assim:

O *queer* [...] não se trata de uma identidade, mas, sobretudo, de um questionamento contínuo das identidades, um questionamento aos processos de naturalização e normatização. Pensando nesse dado, é preciso que determinados grupos escutem essa outra voz que é o *queer*, essa voz que, inexoravelmente, chegou em dado momento a interpelá-los, não se tornando apenas uma temática de seus colóquios. O *queer* vai questionar esses saberes de forma contundente e propor, a todo momento, que haja dentro desses grupos uma mutação (LEOPOLDO, 2020, p. 29).

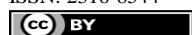
Além disso, Richard Miskolci (2021) ressalta que os estudos *queer* foram originados por feministas. Assim, “Teresa de Lauretis foi a primeira teórica a utilizar o termo *queer*, mas dela também surgiu uma das primeiras críticas: a teoria *queer* havia se transformado numa criatura conceitualmente vazia da indústria cultural” (PEREIRA, 2020, p. 89). Portanto, é preciso atenção para não cair no reducionismo de associar demasiadamente os estudos *queer*

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



## **Ensaio de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

aos de gênero, sexualidades, LGBTI+ e feminismos, como nos lembra Thiago Ranniery (2017, p. 26):

O limite está em perder de vista como se sugere uma integração das posições num todo único ao tratar teorias distintas de formas unificadas, desconsiderando especificidades e retirando-lhes a força. Não se trata de negar a importância desses campos para a “teoria queer” ou mesmo para as lutas políticas contemporâneas no campo da educação, nem praticar o descrédito de bens intelectuais, mas quicá advertir quanto à tendência de equipará-los. Esta não é, por sua vez, uma defesa em favor de um retorno à disciplinarização, delimitando até onde vai o alcance de cada uma das perspectivas teóricas, mas, ao contrário, é sobre como vale ressaltar as vicissitudes para que não sejam obliteradas em nome de negociar as possibilidades de investigação.

Não se trata, também, de dizer que tais questões não sejam importantes para os estudos *queer*, mas sim, de apontar que os interesses de cada perspectiva de estudo não podem ser reduzidos a uma coisa só, circunscritos por meio de uma simplicidade conceitual, teórica e política que não existe. Há, sem dúvidas, muitas complexidades em torno dessa discussão, mas “A própria evidência do termo ‘queer’ recobre um elenco significativo de questões que incidem principalmente sobre o centramento em uma tematização específica” (RANNIERY, 2017, p. 25). É importante perceber, então, “[...] que a imprecisão pode ter utilidade. Uma clareza nos seus usos pode ser mistificadora e remeter a essencialismos contra os quais a ‘teoria queer’ tem se voltado, podendo ser associada a uma ideia de univocidade e de autoridade inquestionável” (RANNIERY, 2017, p. 25).

É importante mencionar, também, que as questões raciais não se encontram à margem dos estudos *queer*, pois, como afirma Caterina Rea (2018, p. 118) “A crítica Queer of Color pretende se diferenciar das outras produções queer que poderiam ser definidas como brancas, pois centradas na dissidência sexual e de gênero, conferindo um papel secundário aos outros marcadores sociais”. Sendo, então, uma plataforma política que “contesta o primado do sujeito colonial branco e de classe média, que se tornou central na teoria queer dominante” (REA, 2018, p. 122).

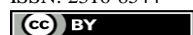
Portanto, é fundamental a compreensão de que “Repensar o *queer* e a dissidência sexual de forma interseccional e repensar a interseccionalidade em uma perspectiva queer, apontando para suas significações teóricas e suas possibilidades de utilizações políticas e militantes, constitui uma das linhas da crítica Queer of Color” (REA, 2018, p. 125). Sendo assim, a

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

constituição de movimentos que não se isolam, constituindo outros horizontes de análise por parte dos estudos *queer* e suas relações com a interseccionalidade.

Contudo, vale destacar que a presente pesquisa aqui não se trata de uma produção da crítica *Queer of Color* em relação às questões de gênero, sexualidades e raça. A pesquisa, na verdade, busca relacionar os estudos *queer* e a interseccionalidade para problematizar as relações de gênero, sexualidades e raça no ensino de Geografia por meio do fazer geográfico. Portanto, não há aqui a intenção de delimitar os estudos *Queer of Color* à relação entre os estudos *queer* e a interseccionalidade, pois compreende-se que essa plataforma política vai além disso. A menção a essa vertente aqui se encontra na possibilidade de visualizar caminhos que relacionem gênero, sexualidades e raça – mas não só isso – por parte dos estudos *queer* em uma perspectiva interseccional. Todavia, entende-se que essa complexa relação aqui se dá por outro caminho, encontrando elo nos diálogos entre os estudos *queer* e a interseccionalidade.

Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021, p. 64) nos atentam, assim, para a possível relação entre a interseccionalidade e os estudos *queer*, pois:

[...] estudos sobre *queers* de cor usam a interseccionalidade como estrutura analítica para desafiar tanto a teoria *queer* quanto a interseccionalidade como campo de investigação. Aqui, a interseccionalidade funciona como uma ferramenta analítica para abordar a ênfase excessiva da teoria *queer* na branquitude, nas experiências da classe média e nas preocupações do Norte global, bem como em sua postura anti-identitária. Para especialistas *queer* e trans que se interessam pela categoria de cor, as identidades coletivas são não apenas politicamente estratégicas, como psicologicamente importantes para *queers* e trans de cor em uma sociedade com comunidades LGBTQ racistas. Em contrapartida, especialistas *queer* desafiam a heteronormatividade nos estudos interseccionais. Isso implica entender que o termo “*queer*” desestabiliza a própria ideia de comportamento normal – “*queer*”, portanto, torna-se um conjunto de ações, um verbo, não o que uma pessoa é ou tem. Esse entendimento de *queer* dificulta a normalização da interseccionalidade pelos grupos dominantes ou sua assimilação no “mesmo de sempre”. Nesse sentido, esses pensadores e essas pensadoras são a própria “interseccionalidade *queer*”. Criticar a heteronormatividade na interseccionalidade cria espaço para novas questões sobre as relações de poder e a sexualidade e para entendimentos sobre a resistência às hierarquias sociais.

Mas, como afirmam as autoras, “a interseccionalidade não é simplesmente uma heurística para a investigação intelectual, mas também uma importante estratégia de investigação para o trabalho de justiça social” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 66). Então, repensar o ensino de Geografia por meio de uma perspectiva *queer* interseccional é um

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

exercício intelectual que preza pela emancipação como pressuposto para uma escola que não trabalhe a diferença pelos meios da opressão. O ensino de Geografia, aqui, se constitui como uma possibilidade de trabalho com a justiça social, produzindo possíveis caminhos para uma prática interseccional crítica.

A interseccionalidade como forma de investigação crítica invoca um amplo uso de estruturas interseccionais para estudar uma variedade de fenômenos sociais [...] em contextos locais, regionais, nacionais e globais. A interseccionalidade como prática crítica faz o mesmo, mas de maneiras que, explicitamente, desafiam o *status quo* e visam a transformar as relações de poder (COLLINS; BILGE, 2021, p. 53).

Como aponta Alex Ratts (2016), há um tempo a interseccionalidade não era apresentada como hoje, mas estava presente no pensamento de intelectuais negras que nos atentavam para essas problemáticas que se entrecruzam sobre indivíduos que fogem às normatizações e padronizações branco ocidental cis-heterossexual cristã. Sem vírgulas porque tudo junto.

Logo, Audre Lorde (2019), Beatriz Nascimento (2021), Ângela Davis (2016), Lélia Gonzalez (2020), Sueli Carneiro (2011), bell hooks<sup>2</sup> (2019) entre outras intelectuais, já nos atentavam há tempos sobre as questões interseccionais do racismo e do sexismo, principalmente no corpo da mulher negra. Mas, a interseccionalidade ganha uma forma sistematizada com Kimberlé Crenshaw (2022), que é a responsável por “dar nome” a essas questões já trabalhadas há muitos anos, conceituando a interseccionalidade. Além disso, em 1851, Sojourner Truth já impactava as pessoas presentes na Convenção dos Direitos da Mulher, em Ohio, nos Estados Unidos, com seu discurso *E eu não sou uma mulher?*, registrado por Fances Gages (RIBEIRO, 2017), que hoje impacta o mundo, onde denunciava as violências vividas enquanto foi escravizada e, também, enquanto mulher negra.

“Tal conceito é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros” (AKOTIRENE, 2020, p. 18). E, desse modo, “[...] a interseccionalidade exige orientação geopolítica” (AKOTIRENE, 2020, p. 31), já que as problemáticas destacadas por esse conceito não acontecem de forma

---

<sup>2</sup> Deu-se prioridade a escrever o nome da autora em letras minúsculas, independentemente de onde ele aparece no texto, como era de sua preferência.

## **Ensaios de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

igual ao longo do espaço geográfico. Basta pensarmos no imperialismo e nas desigualdades Norte-Sul. Assim:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2020, p. 19).

É importante salientar, ainda, que as preocupações geopolíticas também se inserem nos estudos *queer*, uma vez que os mesmos são originados no Norte global e sofrem muitas críticas sobre sua aplicação nos países do Sul. Contudo, Pedro Paulo Pereira (2020) nos esclarece que não se trata de uma aplicação, mas sim de uma localização daquilo que chamamos de *queer* aqui nos países abaixo da linha do Equador, e reconhece que os estudos *queer* apresentam potencialidades muito fortes na América Latina, inclusive no Brasil, e é fundamental que a realidade em que esses estudos vêm do Norte sejam localizadas nas diferentes realidades vividas pelo Sul global.

Nessa perspectiva, Larissa Pelúcio (2020) nos lembra que os estudos *queer* chegam ao Brasil onde o país ainda apresenta cicatrizes de um passado colonial intensamente marcado pelo clientelismo e um sentimento de inferioridade, além da própria língua portuguesa (PELÚCIO, 2020). Assim, Larissa Pelúcio (2020) também nos atenta para como a nossa pretensão de país emergente nos afasta de outros países que falam a língua portuguesa também herdada de períodos coloniais, como Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Macau, Timor Leste e Guiné Bissau. Portanto, para se referir a esse distanciamento, a autora utiliza uma expressão muito usual na língua portuguesa falada popularmente em nosso país: no cu do mundo.

Nesta geografia anatomizada do mundo, nós nos referimos muitas vezes ao nosso lugar de origem como sendo periférico, ou fomos sistematicamente sendo assim localizados e, de certa forma, acabamos reconhecendo essa geografia como legítima. E se o mundo tem cu é porque tem também uma cabeça. Uma cabeça pensante, que fica acima, no norte, como convêm às cabeças. Essa metáfora anatômica desenha uma ordem política que assinala onde se produz conhecimento e onde se produzem espaços de experimentação daquelas teorias (PELÚCIO, 2020, p. 289).

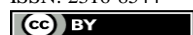
Se não houver o cuidado de realizar tal localização, o que vemos é uma reprodução teórica do centro para a periferia que não condiz com a realidade que vivemos. Sendo

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

atravessada por uma hierarquia epistemológica que não ultrapassa o campo acadêmico, e que nem nesse campo consegue dizer muita coisa que seja realmente uma aproximação entre o campo teórico construído pelos estudos *queer* e a realidade que vivemos nos trópicos. Portanto, há uma necessidade de se pensar sobre como podemos trabalhar com esse “*queer* nos trópicos” (PEREIRA, 2020), levando em consideração que “Há uma potência *queer* no cu do mundo” (PELÚCIO, 2020, p. 299).

Podemos perceber, então, que estamos falando de diferença. E “A noção de diferença emerge de muitos lugares epistemológicos: da teoria feminista, dos estudos culturais e dos estudos subalternos, entre outras vertentes” (RATTS, 2016, p. 124). Portanto:

A diferença está no horizonte das interações sociais e políticas, nestas perspectivas, das relações raciais (negros(as), brancos(as), mestiços(as) e outros segmentos que podem ser racializados), de etnicidade (indígenas, quilombolas, ciganos(as) e outros grupos que podem passar por processos de etnicização), de gênero e sexualidade (mulheres, travestis, transexuais, homens, lésbicas, gays, bissexuais e pessoas que não se enquadram nestas definições) (RATTS, 2016, p. 124).

Nessa perspectiva, é compreensível os diálogos entre os estudos *queer* e a interseccionalidade, uma vez que a complexidade da própria existência humana, nos exige um arcabouço amplo de conhecimentos e saberes construídos no espaço-tempo, na teoria e na prática, possibilitando uma maior diversidade entre sujeitos que se reconhecem para além das imposições sociais que marcam nossas (sobre)vivências.

E como dialogar com os estudos *queer*, a interseccionalidade e o ensino de Geografia? De início, é preciso reconhecer que essa não é tarefa fácil. Muitas são as questões que atravessam o ensino de Geografia, como políticas educacionais, curriculares, avaliativas, formativas e, até mesmo, recursos como o livro didático. E isso muito colabora para um ensino de Geografia que fale sobre “diversidade” sem que apresente os rostos dela.

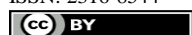
Sem dúvidas, esses rostos são muito diferentes. Apresentam gêneros diferentes, sexualidades diferentes, classes diferentes, etnias e cores de pele diferentes. A repetição da palavra “diferentes” é proposital. É um reforço para repensarmos como corpo discente e docente apresentam características diferentes e, na maioria das vezes, o processo de ensino-aprendizagem desconsidera essa realidade.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

Em um estudo realizado pelas professoras Luyanne Azevedo e Ana Giordani (2019), por exemplo, onde elas estudaram sobre como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trabalha com os conceitos de raça e gênero nos conteúdos pertencentes ao campo geográfico, acabaram por descobrir que há um vazio teórico-conceitual no documento no que se refere ao trabalho com a diversidade e a diferença. As referidas autoras perceberam que a BNCC “traz todo o tempo noções acerca da diversidade e das diferenças sem explicitar em momento algum quais são essas diferenças, a partir de um texto vago e que promove o esvaziamento de debate e conteúdo, se eximindo de tomadas de decisões em prol de uma educação plural” (AZEVEDO; GIORDANI, 2019, p. 5). Assim, para as autoras:

Desta forma, o uso da palavra diversidade em detrimento da diferença – ou pior, o uso como palavras equivalentes, acabam por mascarar o real significado por trás das palavras. Diversidade cultural e social estão atreladas à uma ideia de tolerância e respeito, impedindo que identidades e diferenças sejam vistas como o que são: produções sociais que envolvem relações assimétricas de poder. A visão da diversidade traz consigo uma ideia de tolerância, de resolução de conflitos por meio de consenso e do diálogo, sem refletir de fato as origens da diferença, reproduzindo a ideia do dominante tolerante e dominado tolerado, de que o “outro”, o “diferente” deve estar sempre no lugar de subalterno, de tutela, de colonizado (AZEVEDO; GIORDANI, 2019, p. 20).

Esse é um dos muitos exemplos que mostram como a diferença é tratada com negligência quando estamos falando em ensino de Geografia. Entender que a diferença também é produzida por nossas existências e que, portanto, está inserida no processo de produção do espaço em que vivemos é fundamental para compreendermos que a Geografia precisa dialogar com as múltiplas possibilidades do fazer geográfico (SILVA, 2014), considerando que “Filha de seu tempo, como ciência, a Geografia teve a erupção de sistematização num processo lento calcado em múltiplos condicionantes, tanto históricos quanto pelo desenvolvimento material da sociedade, formulados a partir de postulados científicos e filosóficos (SILVA, 2014, p. 24), e que é preciso repensarmos sobre que Geografia estamos construindo e para quem estamos.

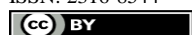
Portanto, voltando às indagações propostas por Ruy Moreira (2014), e relacionando-as com os estudos *queer* e a interseccionalidade, precisamos pensar em um ensino de Geografia que esteja engajado com a formação cidadã diante de uma representatividade plural, política, não neutra e posicionada. E, como os desafios são muitos, é preciso que haja uma pedagogia da desobediência, como nos apresenta Thiffany Odara (2020). Desobedecer no sentido de resistir,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaios de Geografia***

**Essays of Geography | POSGEO-UFF**

de abrir caminhos, de trabalhar nas entrelinhas, de ultrapassar as barreiras da opressão e da exclusão que marginalizam diariamente um quantitativo massivo de sujeitos que são considerados aberrações, desviantes e imorais. É insurgir pela impermeabilidade, como nos sugere Joseli Silva (2009).

Sem dúvidas, esse não é um processo que ocorre em um curto período de tempo. Toda mudança que tensiona a ordem (im)posta é vista com olhares suspeitos e quando se trata de mudanças que afetam diretamente os conservadorismos, precisamos firmar os pés no chão para que os agressivos movimentos de oposição não sejam capazes de nos fazer recuar.

O contexto do mundo atual é extremamente complexo, pois nos deparamos com a compressão espaço-tempo, mudanças das relações sociais, conjunturas que desafiam nossa compreensão teórica e política. Logo, não é possível focar apenas na parte de um todo, mas sim compreender o todo pelas partes (SILVA; SOUZA, 2020, p. 159).

E, para um ensino de Geografia que se preocupe em saber para quem se está ensinando, é preciso, primeiramente, reconhecer nossa própria existência. Milton Santos (1996), ao pensar em uma Geografia cidadã que preze por uma epistemologia da existência, afirmou haver três possibilidades para se trabalhar a dimensão humana: “a dimensão da corporeidade, a dimensão da individualidade e a dimensão da socialidade” entendendo que “A corporeidade ou corporalidade trata da realidade do corpo do homem; realidade que avulta e se impõe, mais do que antes, com a globalização” (SANTOS, 1996, p. 9-10).

E essas dimensões não se isolam uma da outra nessas possibilidades, pois:

Enquanto a corporalidade ou corporeidade é uma dimensão objetiva que dá conta da forma com que eu me apresento e me vejo, que dá conta também das minhas virtualidades de educação, de riqueza, da minha capacidade de mobilidade, da minha localidade, da minha lugaridade, há dimensões que não são objetivas, mas subjetivas; aquelas que têm a ver com a individualidade e que conduzem a considerar os graus diversos de consciência dos homens: consciência do mundo, consciência do lugar, consciência de si, consciência do outro, consciência de nós. Todas estas formas de consciência têm que ver com a individualidade e lhe constituem gamas diferentes, tendo também que ver com a transindividualidade, isto é, com as relações entre indivíduos; relações que são uma parte das condições de produção da socialidade, isto é, do fenômeno de estar junto. Esse fenômeno de estar junto inclui o espaço e é incluído pelo espaço (SANTOS, 1996, p. 10).

Portanto, uma perspectiva *queer* interseccional é capaz de contribuir para que possamos refletir sobre nosso fazer geográfico enquanto existências que insurgem de diferentes possibilidades para produzirmos o espaço social. E, para isso, não há a possibilidade de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## **Ensaio de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

excluímos o trabalho com a diferença dessas questões, pois assumir que nossas existências se constroem também pelas fronteiras daquilo que consideramos por igualdade é compreender que cada sujeito é único ao mesmo tempo que é plural. Pois:

Os “marcadores da diferença” podem ser vistos e discutidos tendo o corpo e a corporeidade como categorias de pensamento – sociais, espaciais e culturais, antropológicas, geográficas e históricas –, e, neste caso, remetidas ao espaço escolar/acadêmico, agregando aspectos das ausências, presenças, barreiras, recusas, discriminações etc. (RATTS, 2016, p. 124).

Dessa forma, o corpo pode ser o caminho inicial para repensarmos o ensino-aprendizagem de Geografia na Educação Básica, reconhecendo a corporeidade como o exercício da nossa prática espacial que se constitui, inclusive, pela dimensão cotidiana do espaço. A corporeidade, então, nos possibilita a reflexão sobre o fazer geográfico que construímos em nossas escolas, oportunizando novos horizontes para um ensino-aprendizagem efetivamente democrático, emancipatório e humano.

Assim, a perspectiva *queer* interseccional sob a ótica da Geografia em nossas escolas é mais do que uma resposta para possíveis incertezas, pois ela é, na verdade, um direcionamento para outras formas de possíveis de vivenciarmos geograficamente o mundo ao nosso redor, explorando nossa existência pela análise espacial. Não se trata, então, de um ponto de partida nem de chegada, mas de uma outra forma de fazer aquilo que buscamos ensinar e aprender: Geografia. “Portanto, o caminho para a mudança é longo e demandará uma busca por estratégias que ajudem a Geografia a sair do armário!” (ESCOUTO, 2019, p. 102).

### **Considerações finais**

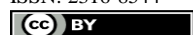
Quando ensinamos, ensinamos algo para alguém. Portanto, ao ensinar Geografia, precisamos levar em consideração que esse alguém é uma pessoa real, que tem características próprias e que produz o espaço de acordo com sua vivência, sua corporeidade. Todo mundo tem sua própria trajetória e isso precisa ser valorizado no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, quem ensina também tem um rosto, também tem uma trajetória, características próprias e produz espaço. Afinal, nossa corporeidade está diretamente ligada à nossa existência.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons



## **Ensaio de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O olhar crítico interseccional em uma perspectiva *queer* para o ensino de Geografia se caracteriza como uma possibilidade de análise diante dos fenômenos sociais que se entrelaçam na escola, o trabalho com a diferença e nossas próprias existências enquanto sujeitos geográficos. O ensino de Geografia como prática interseccional crítica tem como objetivo o desafio de desestruturar o *status quo* que permeia pela invisibilização de existências no espaço escolar, não esquecendo que os muros escolares não isolam a instituição da realidade que se encontra fora deles. Trata-se de educar pela prática da liberdade (FREIRE, 1967) dentro de uma pedagogia engajada (hooks, 2017) que se recusa a reproduzir opressões e abstrações por meio de processos de ensino-aprendizagem emancipatórios, democráticos, políticos e posicionados.

Portanto, a Geografia, enquanto disciplina da Educação Básica, precisa se preocupar sobre que rosto tem os sujeitos que estão diretamente relacionados com seu processo de ensino-aprendizagem, não mais negligenciando gêneros, sexualidades, raças, etnias e classes como assuntos que se cruzam e que fazem parte do cotidiano de todo mundo. Pois, para além de abstrações, somos de carne e osso.

### **Referências**

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

AZEVEDO, L; GIORDANI, A. A invisibilização dos marcadores sociais de gênero e raça na Geografia da Base Nacional Comum Curricular. **Geografia Meridionalis**, v. 5, nº 1, p. 03-31, 2019.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, P; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESCOUTO, C. **A Geografia já saiu do armário? Diálogos sobre gênero, sexualidades e escola**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## **Ensaio de Geografia**

Essays of Geography | POSGEO-UFF

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIORDANI, A. Geografia Escolar: neoliberalismo, necropolítica e as coisinhas do chão. **Revista Educação Geográfica em Foco**, [S.l.], v. 3, n. 6, oct. 2019. ISSN 2526-6276. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1150>>. Acesso em: 12 aug. 2021.

GIROTTO, E. Dos PCNs a BNCC: o ensino de Geografia sob o domínio neoliberal. **Geo UERJ**. n. 30. 2017. E-ISSN: 1981-9021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/23781>>. Acesso em: out. 2021.

GIROTTO, E; GIORDANI, A. Princípios do ensinar-aprender Geografia: apontamentos para a racionalidade do comum. **Geografia**. v. 44, n. 1. 2019. E-ISSN: 1983-8700. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14961>>. Acesso em: ago. 2021.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, F.; LIMA, M. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

hooks, b. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LEOPOLDO, R. **Cartografia do Pensamento Queer**. Salvador: Editora Devires, 2020.

LORDE, A. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MOREIRA, R. **O Discurso do Averso: para a crítica da Geografia que se ensina**. São Paulo: Contexto, 2014.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

NASCIMENTO, M. B. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização de Alex Ratts. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

ODARA, T. **Pedagogia da Desobediência: Travestilizando a Educação**. Salvador: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, A. **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, M. R. **Nem ao centro, nem à margem! Corpos que escapam às normas de raça e de gênero**. Salvador: Editora Devires, 2020.

PELÚCIO, L. Histórias do cu do mundo: o que há de queer nas bordas? In: HOLLANDA, H. (Org.). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

PEREIRA, P. P. Queer nos trópicos. In: HOLLANDA, H. (Org.). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

RANNIERY, T. No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios. **Sexualidad, Salud, y Sociedad – Revista latinoamericana**, n. 25, p. 19-48, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.02.a>>. Acesso em: dez. 2021.

RATTS, A. P. Corporeidade e diferença na Geografia Escolar e na Geografia da Escola: uma abordagem interseccional de raça, etnia, gênero e sexualidade no espaço educacional. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 46, p. 114–141, 2018. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/680>. Acesso em: out. 2021.

REA, C. A. Pensamento Lésbico e Formação da Crítica Queer of Color. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 117–133, 2018. DOI: 10.9771/cgd.v4i2.26201. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/26201>. Acesso em: 12 ago. 2021.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, M. Por uma Geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, 1996. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38613>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SILVA, C. A. O fazer geográfico em busca de sentidos ou a Geografia em diálogo com a sociologia do tempo presente. In: SILVA, C. A.; CAMPOS, A.; MODESTO, N. **Por uma geografia das existências**. Rio de Janeiro. Consequência, 2014.

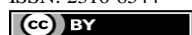
SILVA, E; ROCHA, G. O ensino de Geografia na perspectiva da cidade educadora. **GeoSertões**. vol. 5. n. 10. 2020. ISSN: 2525-5703. Disponível em: <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/1536>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUSA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

## ***Ensaio de Geografia***

Essays of Geography | POSGEO-UFF

SILVA, J. (Org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009.

DA SILVA, T. D.; DE SOUZA, C. V. A educação de jovens e adultos trabalhadores e as “novas insurgências” a partir da classe e da raça: pressupostos teóricos para o ensino de geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 104, p. 142–162, 2020. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/1998>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SOUZA, Victor. Que rostos tem o ensino de Geografia? **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 149-167, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 19/07/2022. Aceito em: 11/07/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons